

A DIDÁTICA E A ANCESTRALIDADE: A CONGADA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL

DIDACTICS AND ANCESTRY: CONGADA AS A SOCIAL PRACTICE

A CONGADA COMO DIMENSÃO DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO

Tatiane Pereira de Souza¹

Manuscrito recebido em: 17 de novembro de 2020.

Aprovado em: 15 de fevereiro de 2021.

Publicado em: 15 de fevereiro de 2021.

Resumo

O que faz a Congada também ser considerada como prática social? Buscando responder essa indagação, este ensaio apresenta compreensões da educação em diálogo com a filosofia da libertação, para compreender a Congada como uma prática social que elabora e produz processos educativos próprios da participação e do compromisso com o percurso histórico das pessoas que ao pronunciarem o mundo vão se fazendo, refazendo, libertando-se e anunciando a transformação da realidade para si e para os outros.

Palavras-chave: Prática social; Processo educativo; Congada; Educação.

Abstract

What makes Congada also considered a social practice? Seeking to answer this question, this article presents understandings of education in dialogue with the philosophy of liberation, to understand Congada as a social practice that elaborates and produces educational processes proper to participation and commitment to the historical path of people who, when they pronounce the world they are being made, remaking, freeing themselves and announcing the transformation of reality for themselves and for others.

Keywords: Social practice; Educational process; Congada; Education.

Resumen

Qué hace que la Congada sea también considerada una práctica social? Buscando dar respuesta a esta pregunta, este artículo presenta entendimientos de la educación en diálogo con la filosofía de la liberación, para entender la Congada como una práctica social que elabora y produce procesos educativos propios de la participación y el compromiso con el camino histórico de las personas que, cuando pronuncian el mundo se hacen, se rehacen, se liberan y anuncian la transformación de la realidad para ellos y para los demás.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Professora na Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora no Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra; no Laboratório de Estudos Africanos, Afrobrasileiros e da Diversidade; e no Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão. Fundadora e Coordenadora do AKOMA- Grupo de Estudos e Pesquisas em Africanidades, Culturas, Diversidades & Memórias.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2821-5241>

Contato: afroeducar@gmail.com / tatianedoutora@gmail.com

Palabras clave: Prática social; Processo educativo; Congada; Educación.

A Congada como dimensão da cultura e da educação

O presente ensaio traz reflexões da dissertação de mestrado intitulada “Áfricas: processos educativos presentes no Terno de Congada Chapéu de Fitas”. Neste estudo, por meio do processo de pesquisar, saber e fazer na Congada, o que se pretende observar é “o que é originário [e próprio] na participação intersubjetiva dos homens, na produção da cultura” (FIORI, 1986, p.86). No caso da Congada, das especificidades da cultura de permanência e matriz africana recriadas e ressignificadas em solo brasileiro, buscando compreender como esses processos sofrem influência e são influenciados pelas relações entre gerações. Na prática social da Congada, a colaboração se faz na participação ativa de todos no saber fazer Congada, no saber fazer o que se sabe, o que se aprende e o que se ensina. Isso, neste estudo, se entende a partir das leituras de Fiori (1991) como “trabalho de invenção da cultura a que chamamos aprendizado ou educação” (p.86).

Foto I: Terno de Congada Chapéus de Fitas



Foto do acervo do Terno de Congada Chapéus de Fitas e seu cortejo pelas ruas de São Carlos, em 2011, na Semana da Calourada MALICK como recepção aos estudantes negros e cotistas da UFSCar.

A Congada também conhecida como congado é uma manifestação da cultura popular brasileira, cujas raízes são africanas e que trazem modos de ser, sentir, fazer e pensar no mundo próprios de congadeiros e congadeiras, em sua maioria, descendentes e praticantes da cultura africana no Brasil. Constituída como celebração ancestral a Congada é formada por vários grupos distintos entre si, mas que compõe por meio de bailados, coreografias, cantos e músicas a recriação do reis e rainhas africanas, especialmente do antigo Reino do Kôngo. Justamente em seu sentido simbólico o congado, a Congada significa a união do reino, que se junta para perpetuar sua existência e celebrar suas linhagens ancestrais, consanguíneas, familiares, étnicas e comunitárias.

Foto II – Reinado do Kôngo em África



Rei e Rainha do Kôngo, com sua embaixada, coroas, manto e insígnias reais, no início do século XX. Essas personalidades africanas são incorporadas na ritualística congadeira (SOUZA, 2018, p.102).

Foto III – Reinado do Congado no Brasil



Rei e Rainha Congo com suas coroas, manto e insígnas e sua embaixada na Festa da Abolição da Irmandade do Rosário dos Arturos, comunidade quilombola e congadeira, em Contagem-MG².

É importante dizer que a festa da Congada e os grupos que compõe e pertencem a essa cultura estão em todo Brasil, especialmente no estado de Minas Gerais onde surgiu sua lenda de popularização pelas viagens do maniKongo Chico Rei e pela aparição de Nossa Senhora do Rosário aos negros, perfazendo todo fundamento de sequência dos grupos e ritualística na celebração. Assim, a Congada enquanto manifestação cultural e devocional traz por meio de sua ritualística, experiências diversas que marcam nos passos, nos versos cantados ou improvisados, na vestimenta aparente e na espiritualidade interna, memórias e histórias da população negra, desde seus antepassados em África, passando pelas memórias do cativo, quando foram escravizados no Brasil, chegando a realidade contemporânea, cuja desigualdades sociais continuam acirradas pelo racismo, como desdobramentos do impacto da escravidão. A Congada narra vidas e perpetua histórias. Mas, afinal, o que faz a Congada também ser considerada como prática social?

² Imagem disponível em <http://www.unicamp.br/folclore/folc7/relatori/relatorio.html> 20 fev 2018. Conheça mais sobre os sons e as cores da Congada nesse link - <https://youtu.be/Mbvode2393M>

Para começo de diálogo com esta indagação, cabe ressaltar que neste estudo, a Congada também é compreendida como uma prática social que desencadeia processos educativos, conforme aponta Silva (2011):

A Congada é uma prática social que estrutura a vida de uma comunidade em torno da fé cantada e dançada. Por meio da fé, acontecem os diálogos e as inserções dessa comunidade negra na história da cidade. Toda essa fé é construída e estruturada por meio da convivência uns com os outros, principalmente com a dança e a música, nas quais congadeiras e congadeiros expressam suas formas de ser e estar no mundo. (p.50)

Para uma melhor compreensão do que será dito, cabe sublinhar que as práticas sociais

decorrem das interações entre sujeitos e dos sujeitos e o ambiente em que vivem” e são construídas e estabelecidas num determinado tempo, espaço, comunidade e lugar na sociedade, a partir de uma cultura, de um grupo étnicorracial, de orientações sexuais, de classes, em diferentes faixas etárias. Cabe também que as práticas sociais se constroem em relações estabelecidas “entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla. (OLIVEIRA, et al. 2009, p.4-5)

Os participantes dessas práticas constroem relações em que se enraizam e desenraizam tradições e visões de mundo, convivem e interagem pessoas, recriando na espontaneidade ou na organização, diferentes maneiras de viver e sobreviver, de agir e reagir, de se educar e educar-se, a partir de sentidos e significados que os próprios sujeitos atribuem a si próprios, a outros e ao mundo.

As práticas sociais são oriundas e construídas nas experiências e nas relações humanas, e podem tanto manter opressões e exclusões, quanto subverter condições de opressão e forjar novas realidades. Conforme Oliveira et al. (2009, p.5) as práticas sociais

[...] podem se constituir em ações de grupos e comunidades que visam à transformação de realidades que identificam como injustas, discriminatórias, opressivas. Podem também se direcionar a manutenção de iniquidades, à renovação de critérios para dividir as pessoas em “mais” e em “menos” humanas, com mais e menos poder, muitas vezes sob aparência de generosidade que encobre o desejo de subjugar, negar a humanidade de cada pessoa.

Assim, os processos educativos desencadeados nessas práticas sociais são o fio condutor no qual as pessoas, sujeitos de sua própria história, ensinam e aprendem, por exemplo, vários conhecimentos no

seio de uma cultura, no tempo, no espaço e também na dimensão da liberdade assumida. [...] no convívio, uns se colocam com a disposição de pôr outros a par da sua comunidade, de lhes dar referências para que se estabeleçam de maneira própria, mas não individual, no mundo, compreendendo-o com sua comunidade, através da ação conjunta que nela assumem (SILVA, 1987, p.62-63).

A compreensão de práticas sociais que adotamos neste estudo se constitui “em ações de grupos e comunidades que visam à transformação de realidades que identificam como injustas, discriminatórias, opressivas” (OLIVEIRA, et al., 2009,p.5).Nesse sentido, tanto as práticas sociais quanto os processos educativos por elas desencadeados, no sentido contrário da manutenção de iniquidades, podem transformar realidades e gerar convivência e relações nas quais “as pessoas se educam na sua humanidade, para a cidadania negada, conquistada, assumida” (OLIVEIRA, et al., 2009,p.7).

E isto só é possível perante uma ação humana frente ao mundo, o que implica instaurar ações e processos de humanização, de conhecer a si e ao outro e juntos pronunciarem o mundo, sua cultura, sua realidade. É nesse movimento e universo que pessoas “criam histórias e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 2005, p.107), educam e são educadas para manter ou transformar realidades.

Frente a este “universo” de temas [opressor-oprimido, libertação-dominação, humanização-desumanização] que dialeticamente se contradizem, os homens tomam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança. (FREIRE, 2005, p.107)

Assim, algumas pessoas, grupos, que percebem a lógica de dominação, constroem uns com os outros, ações e lutas a favor da transformação das estruturas de poder desumanizantes, opressoras e dominadoras. Por exemplo, as lutas em favor da humanização podem ter como ação preservar a tradição cultural que propicia ao sujeito um lugar enquanto humano de fato, como é o caso das manifestações culturais de matriz africana, tal como a Congada.

Desse modo, congadeiros e congadeiras ecoam suas vozes em busca da manutenção e reconhecimento de suas culturas tradicionais; suas narrativas perpetuam entre gerações e continuam em movimento factual entre passado-presente-futuro. Assim, refletindo com Edgar Morin (2010) e Santos; Figueiredo (2020), é mister considerar essas pessoas como intelectuais da tradição, pois além da condição de artistas da cultura que ocupam, os/as congadeiros/as produzem pensamento, desenvolvem ações e sistematizam a cultura, intervindo na condição humana de si mesmos e da comunidade.

Essas ações humanas que reivindicam estruturas humanizantes na sociedade, se estabelecem nas relações por vezes antagônicas, mas dialéticas entre a humanidade e sua produção de conhecimento, que se materializa e se expressa em diversos campos e áreas e de diferentes formas, sejam elas artísticas, tecnológicas, culturais, religiosas, e/ou científicas, entre outras. Na medida em que isso vai ocorrendo na dinamicidade da sociedade, conforme sua época e realidade, as pessoas em seu movimento pela mudança, vão se fazendo cada vez mais críticas, e inseridas na luta contra a opressão vão desvelando a dominação explícita ou implícita da realidade (FREIRE, 2005).

Na dinâmica da sociedade, as pessoas que se percebem inseridas na lógica da dominação, sejam como marginalizadas ou como marginalizadoras, e que se comprometem com a transformação dessa realidade, não exclusivamente, mas especialmente por meio da educação, vão sendo agentes de mudança, reconhecendo-se e movimentando-se numa busca constante e criadora dessa tarefa humana de “permanente transformação da realidade para a libertação dos homens” e das mulheres, enfim, da humanidade (FREIRE, 2005, p.108).

Na busca pela humanização, as pessoas e suas relações individuais e/ou coletivas com o mundo e as coisas que nele há, vão produzindo cultura, conhecimento e educação. Concordamos com Silva (1987, p.64) quando esta diz que “educação é o ato de construir o nosso modo próprio de ser, juntamente com quem convivemos, ao assumirmos com eles os destinos do nosso grupo, nossa classe social, nossa comunidade”, o processo próprio de humanizar e humanizar-se. Esse processo traduz, em sua dinâmica, as relações de tomada de consciência das pessoas com o mundo e as coisas que nele se encontram. Segundo Fiori (1986, p.9) “o homem se faz, aprendendo a refazer-se, aprendendo a

humanizar-se e a libertar-se. Cultura autêntica é aprendizado e aprendizado é conscientização”, por conseguinte conforma educação.

Assim, o que se instaura em decorrência de práticas sociais tais como a Congada são processos educativos próprios da participação e compromisso com o percurso histórico das pessoas que ao pronunciarem o mundo vão se fazendo, refazendo, libertando-se e anunciando a transformação da realidade para si e para os outros. Dessa forma, as pessoas “que colaboram na produção deste (mundo), deveriam reencontrar-se, no processo, como sujeitos de sua própria destinação histórica, autores de sua existência” (FIORI, 1986, p.10).

As pessoas só libertam a si e aos outros se juntos se libertarem, conduzindo sua própria vida, sua existência, protagonizando sua própria história no seio de sua cultura, comunidade, destino e origem. Fiori (1986, p.8), afirma que, “a cultura é um processo vivo de permanente criação: perpetua-se, refazendo-se em novas formas de vida”, de tradução e percepção da realidade, para ele, as pessoas inseridas no processo de aprender a refazer-se, humanizar-se e libertar-se, constroem conhecimentos e saberes que derivam da reflexão de sua própria cultura e da experiência que dela se destina, conforme o autor, “o saber da cultura é a cultura que se sabe [...] o saber não deveria nunca desligar-se da função humanizadora da cultura” (p.8).

Nessa direção, a cultura é incorporada como um processo de educar e educar-se por meio dela na ação e trabalho conjunto de conhecer, compreender, transformar e desvelar o mundo e as outras pessoas no convívio e no diálogo. Assim “cada pessoa incorpora a cultura da sua comunidade, grupo, classe, fazendo-se com os parentes, os vizinhos, os colegas, num trabalho que é sempre criador” educativo e cultural (SILVA, 1987, p.64-65). Essas relações e aprendizagens são constantes entre mais novos e mais velhos que inseridos no seio de uma cultura a transmite, preserva e educa de geração a, entre e para geração.

Segundo compreensões de Freire (1999, 2005), o processo de educar-se numa comunidade, no cultivo de sua cultura, se estabelece cotidianamente de forma permanente e inacabada nas interações com o outro, no sentido de subverter condições desumanizantes em relações humanizantes. Para Fiori (1986, p.15) educar-se é “participar ativamente do processo totalizante da cultura”, e é no interior dessa cultura que se

estabelece o aprendizado verdadeiro e próprio que advém da “[...] participação ativa, comprometida no processo histórico cultural” (FIORI, 1986, p.9) de ensinar e aprender mutua e/ou coletivamente.

Conforme Fiori (1986) aponta, esse processo formativo e humano dependerá da pessoa e de “seu reconhecimento enquanto sujeito de sua história, história que acontece dentro de um aprendizado como método de libertação e autoconfiguração, descobrimento histórico de valores de humanização, de invenção do homem novo” (p.9). Desse modo, “ninguém aprende o que se lhe ensina: cada um aprende o que aprende” por meio da própria experiência, do compromisso consigo e com sua comunidade, na convivência consigo mesmo e com outras pessoas (FIORI, 1986, p.9). O acúmulo de experiência dos mais velhos pode ocasionar ricas trocas e ensinamentos com os mais jovens, renovando e fortalecendo as experiências de mais velhos e mais jovens.

Nesse sentido, consideramos que a Congada é um espaço educativo, que proporciona ensinamentos e aprendizagens a quem dela faz parte, desde uma perspectiva das raízes africanas recriadas e mantidas por meio da tradição oral e de produções socioculturais transmitidas nos processos educativos e culturais, em territórios geofísicos e simbólicos do mundo africano e da diáspora.

Ao se referir aos camponeses participantes de sua pesquisa de doutorado, Silva (1987, p.69) mostra o modo de educar-se e a experiência de negros(as), que ao se perceberem dentro de uma cultura, “imposta pelo sistema social e econômico”, à qual estão submetidos(as), decidem reverter a situação fazendo surgir, “cada vez com mais segurança, o seu modo próprio de ser, a sua cultura, a sua identidade”. Com o processo de libertação e anúncio de sua própria história e cultura os negros têm reagido contra a opressão e a marginalização que lhes são impostas, desde os períodos coloniais. Segundo a autora, inúmeras têm sido as reações da comunidade negra e do movimento negro, em suas diversas e particulares expressões, pois comprometidos com a transformação dessa realidade e da situação opressora, se engajam na luta pela libertação.

Essa compreensão se aproxima da experiência de negros(as) congadeiros(as) no convívio uns com outros, em seu cotidiano e em sua trajetória ao afirmarem o que são, sua comunidade, sua história, seu legado, pertencimento e identidade. É no interior dessa

dinâmica de libertar-se, desalienar-se e humanizar-se em situações de opressão que ocorrem os processos educativos que contribuem para emancipação das pessoas consideradas, socialmente e racialmente, subalternas. Juntas, essas pessoas, começam a criar condições para desvelar a situação de opressão e buscam rejeitar e condenar as manifestações da dominação vigente na sociedade.

Fiori (1986) identifica esse processo de conscientização, como o ato

reflexivo do movimento da constituição da consciência como existência. Neste movimento o homem se constitui e se assume, ao produzir-se e reproduzir-se. Neste refazer-se consiste seu fazer-se e seu fazer. A verdadeira educação é participação ativa neste fazer em que o homem se faz continuamente. Educar, pois, é conscientizar, e conscientizar equivale a buscar essa plenitude da condição humana. (p.3)

Tanto para Freire (2005) quanto para Fiori (1986) o processo educativo se estabelece na conscientização, por parte dos sujeitos, na pronúncia e denúncia da realidade subjugante e opressora que tenta estabelecer como natural a marginalização de seu povo e de sua cultura. Esse entendimento se sustenta nos pressupostos teóricos, oriundos de Freire (2005), Fiori (1986) e Dussel (1997), para re-pensar radicalmente a educação que está posta. O sentido radical se define também, mas não somente, na ruptura com processos educativos que fortalecem e educam os indivíduos para oprimir e manter a dominação.

O sentido do processo educativo fundado na educação libertadora, que nos ensina Paulo Freire, Enrique Dussel e Ernani Fiori, se firma num movimento em direção à liberdade para opressor e oprimido, pois ambos, segundo Romão “emergem nas relações históricas concretas” (2004, p.23). Acredita-se que a transformação e a mudança da realidade são possíveis, assim a educação só é educação se for libertadora.

Ter a consciência de que somos seres inacabados e inconclusos numa determinada realidade, requer “que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade” (FREIRE, 2005, p.84). Nesse caso, a educação que se impõe às pessoas comprometidas com a libertação deve fundar-se na “problematização dos homens em suas relações com o mundo”, oferecendo condições

para o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca da realidade em que se inserem no mundo (idem, p.77).

É mais frequente nos espaços educativos escolares, a imposição de conteúdos, posturas, ideias e valores que, ao invés de contribuir para a libertação das pessoas, desempenham o papel de manter iniquidades e dominação. A compreensão de educação vigente nesses espaços está a serviço da lógica dominante que subjuga pessoas e grupos sociais pelas marcas de sua diferença, tais como de gênero, sexualidade, raça, etnia, geracionalidade, religiosidade e posicionamento ideológico.

Contra essa perspectiva, Dussel (1997) destaca que:

[...] é necessário superar a concepção exclusivamente escolar do processo educativo, tão limitada, rígida e inadequada, e dar lugar a uma formulação muito mais integral, reconhecendo as possibilidades de outros canais educativos não menos eficazes e não poucas vezes de maior influência do que a escola, como são a família, os diferentes grupos sociais e os meios de comunicação de massa, para citar os mais importantes. (p.207)

Os processos educativos desencadeados nas práticas sociais, sejam elas em ambientes escolares ou não, devem respeitar as pessoas, suas visões de mundo, suas formas de ser, pensar, existir, suas crenças e religiões, história e cultura, posicionamento político-ideológico, seus saberes de experiência construídos ao longo de sua trajetória. Enfim, chamamos atenção para o compromisso e o respeito com o conhecimento, integridade e dignidade humana de si e do outro.

Segundo Oliveira et al., (2009, p.9), “ao identificar e valorizar processos educativos em práticas sociais, voltamos um olhar crítico ao estabelecido monopólio pedagógico de sistemas educacionais, que pretendem, muitas vezes, deter o único meio pedagógico capaz de educar”. A escola não é o único espaço onde as pessoas se educam. Na realidade, a todo o momento as pessoas estão sendo educadas ou educando, no interior das experiências e vivências que desenvolvem e de que participam em diferentes ambientes e contextos, no decorrer da vida.

Como se vê, as pessoas se educam de várias formas e em vários espaços e tempos, e é por meio do diálogo, da convivência e da experiência que os conhecimentos são conduzidos para o educar e educar-se de cada pessoa junto umas com as outras. No

conviver entre pessoas que ensinam e aprendem, os conhecimentos são constituídos pelas experiências ao longo da vida, na leitura de mundo, pela luta contra a alienação e desumanização, para além de objeto, como sujeito humanizado na realidade, como sujeito que protagoniza e conduz sua história e ação no mundo (FIORI, 1986). Por exemplo, em práticas sociais marginalizadas por serem práticas de origem africana, como é o caso da Congada, o conhecimento é preservado e mantido por meio da memória e da tradição oral da cultura de matriz africana no Brasil. Os conhecimentos ali ensinados e aprendidos expressam a forma como congadeiros(as) conseguem resistir aos constantes ataques e hostilidades que sofrem no cotidiano por conta de serem em sua maioria negros, descendentes de escravizados, oriundos da classe trabalhadora.

No âmbito da Congada, o que se ensina e aprende é oriundo de um saber construído na, pela e por meio da experiência que também se dá no encontro da intersubjetividade dos corpos, das pessoas que se encontram e juntas agem com a intenção de denunciar e/ou anunciar uma realidade, e que juntas, na intersubjetividade das trocas no mundo, se projetam ao encontro de consciências, a consciência que é para si e que é para o outro no mundo (MERLEAU-PONTY, 1996). Assim, concordando com Fiori (2005) as pessoas se conscientizam com as demais no mundo, onde juntas, se encontram para manifestar as consciências no mundo, no ato de distanciar-se para aproximar-se de outra forma numa mesma realidade, não mais para ser subalterno, mas para ser mais humano, exercendo seu saber de experiência.

Larossa Bondía (2002) define o saber de experiência como:

um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (p.27)

O saber oriundo da experiência adquirida na vida tem a ver com a compreensão da visão de mundo que as pessoas constroem e que interfere em suas decisões e posturas. O posicionamento dessas pessoas traduz as percepções que têm da realidade em que vivem

e de como lidam, vivem e sobrevivem nessa realidade. No caso da Congada, as pessoas congadeiras fazem cultura, protagonizam sua história, e como sujeitos históricos, partindo da ideia de Freire, vivem a “experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.31).

A isso, nas concepções de Larossa Bondía (2002), se sublinha o saber de experiência “sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (p.27).

Nesse processo, “a educação é, por si mesma, uma dimensão da cultura” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.33). Para Fiori (1986), o homem é a história, é um ser histórico, e nele o mundo se constitui historicamente, sua objetividade (existência) em movimento dialético emerge o mundo da subjetividade, para então conduzir a libertação como um processo de sua própria humanização. Nesse entender, a educação libertadora “[...] é desenvolvimento dialético de um processo histórico-cultural” na qual as pessoas vão se libertando, se fazendo e refazendo sua humanidade (FIORI, 1986, p.85).

De certa forma, na cultura a referência do mundo é fundada na objetividade e intersubjetividade humana. A objetividade humana enquanto existência uns com os outros no mundo, e intersubjetividade como processo da consciência existencial e histórica humana. A cultura “[...] é humanidade do mundo e, portanto, humanização do homem” (FIORI, 1986, p.86), assim, o mundo consciente é a consciência do mundo. A cultura é a pronúncia desse mundo materializado na educação e nas relações entre as pessoas em seu cotidiano.

Desse modo, sendo a Congada parte das expressões e manifestações culturais de origem africana, podemos afirmar a partir das leituras de Freire (2005), Fiori (1986) e Oliveira (2009) que a cultura africana recriada no Brasil se constitui num aprender, num processo de ensinar-aprender-ensinar. A partir das leituras de Fiori (1986) compreendo, que o modo cultural dessa matriz africana, se constitui no “[...] esforço por reinventá-lo numa práxis que assume e supera as condições objetivas da situação histórica em que se vive” (p.86), para além das condições adversas nas quais as opressões do sistema vigente impera sob aqueles considerados inferiores e socialmente marginalizados, esses, por sua

vez, conscientes da sua existência e posicionamento no mundo realizam a pronúncia desse mundo.

Num contexto adverso na realidade também excludente da América Latina, percebe-se que as pessoas que vivem as manifestações da tradição de matriz africana se esforçam e lutam para manter vivas suas raízes culturais e identitárias, essas pessoas enfrentam cotidianamente as barreiras impostas pelo sistema econômico e social, que os marginaliza, e os classifica dentre outros, como pobres, negros(as) e da classe trabalhadora. Assim, localizando o debate numa América Latina projetada nas bases ocidentais do eurocentrismo, a questão da exclusão das classes populares não é somente uma questão de classe, é também uma questão racial, uma vez que o racismo é estrutural.

A partir dos pilares históricos que fundaram a cultura e a educação na América Latina, a prática social da Congada traz à tona a realidade excludente do passado aos dias de hoje. E isso se torna perceptível na expressão da fé, nas danças, no colorido das fitas, nos cantos improvisados, nos versos, coros e ladainhas cantados por crianças e adultos, mulheres e homens congadeiros, que ao lembrarem da África e de seus ancestrais, misturam a alegria e a dor numa só fusão de sentimento e resistência. Por um lado, expressam a alegria de celebrarem sua ancestralidade, por outro, demonstram a tristeza e a dor que seus antecessores passaram ao cruzar o oceano Atlântico, como escravizados e castrados de liberdade. Como se observa no canto a seguir:

Esses anjo canta no céu,
Esses anjo canta no céu,
Lá no céu com alegria,
Lá no céu com alegria (Terno de Moçambique)

Chorei,chorá
Chorei,chorá
Oi, eu chorei pelo balanço do mar,
Oi, eu chorei pelo balanço do mar
(Terno de Congo. GOMES e PEREIRA, p.373-376)

Os versos acima refletem a situação desencadeada pela colonização e escravização, a quais foram submetidos africanos e africanas. Essa experiência está presente na América Latina e ela sem dúvida influencia as relações entre pessoas que se estabelecem aqui. Muitas dessas relações produzem subjetividades mutiladas que se projetam numa

sociedade que hierarquiza, inferioriza e classifica pessoas, conforme seu grau de escolaridade, pertencimento étnico-racial, gênero, sexualidade, religião e classe³. Reconhecendo essa realidade e lutando contra ela, nos apoiamos nos aportes de Paulo Freire, Enrique Dussel e Ernani Maria Fiori, entre outros(as), pois esses(as) nos oferecem subsídios como ponto de partida para compreender o ato político e transformador que pode ter a educação e a cultura na vida e formação das pessoas, e como que essas pessoas podem se transformar em diálogo e contato com outras pelo direito de lutar contra a opressão, de denunciar essa realidade excludente e de anunciar uma nova forma de pensar e atuar nessa realidade a favor da justiça, solidariedade e humanidade na igualdade e diversidade da vida humana.

Assim, Dussel (1977), Freire (2005), Fiori (1986) ao se referirem à conscientização como concretização da humanização na perspectiva daqueles que foram marginalizados pela sociedade, apontam que a consciência está ligada ao ato de conscientizar e conscientizar-se na condução da vida humana, ou melhor, afirma-se a consciência para pronunciar o mundo e tomar as rédeas da situação, como diz Silva (2011) conduzir a própria vida. Essa, por sua vez, deve ser conduzida num movimento de práxis, subjetivação e objetivação ao mundo, no sentido de que “haja justiça, solidariedade, vontade diante das vítimas, as ações se convertam em possibilidade de viver e viver melhor” contra a opressão e a favor da libertação (DUSSEL, 2002, p.382).

Nessa perspectiva é que se constroem as compreensões teóricas à luz do processo sócio-histórico de libertação da América Latina (DUSSEL, 1997). Diante disso, Oliveira, et. al (2014), reconhecem a necessidade de construir e reconstruir olhares mais humanizantes mediante características históricas de um contexto marcado pela invasão cultural (dominação e violência cultural e econômica) dos colonizadores (FREIRE,2005), por conflitos, lutas, resistências, culturas, semelhanças, diferenças, alegrias e dores. Em conformidade com Oliveira et al. (2009), a produção de “conhecimentos na perspectiva da América Latina exige nos libertarmos de referências dogmáticas, construídas a partir de experiências alheias a nossos valores e culturas” (p.4). Exige também aproximar a

³Assim, devido à experiência da escravização e colonização, uns são tidos como superiores e outros como inferiores.

discussão das reflexões desenvolvidas acerca da complexidade, experiência e problemática do contexto latino-americano, suas tensões, aceitações, iniciativas e transformações.

De acordo com Oliveira et al. (2009), “para chegar à compreensão de práticas sociais e dos processos educativos delas decorrentes, na realidade brasileira, é fundamental situá-los cultural, histórica e politicamente no nosso continente, a América Latina” (p.3). Sendo a América Latina um continente marcado por culturas e histórias de diferentes povos e etnias, é preciso dar visibilidade à trajetória de africanos e seus descendentes que aqui, mesmo diante das adversidades, sobreviveram à espoliação cultural e material que a escravidão e o colonialismo, tentaram lhes impingir (OLIVEIRA et al., 2009). Contudo, para que se compreenda a prática social da Congada e a importância da cultura como processo educativo e identitário de valorização do pertencimento étnico-racial, de uma comunidade, grupo, geração e faixa etária, classe social, entre outros, é preciso compreender tal manifestação como cultura e tradição que perpetua sua continuidade de geração a geração. Na Congada, a sabedoria é um valor e valoriza-se, sobretudo, os saberes oriundos das pessoas mais velhas em experiência e/ou em idade. As pessoas mais velhas na tradição congadeira são consideradas bibliotecas vivas do saber tradicional, cujo corpo se faz escola e morada da ancestralidade e da oralidade. Portanto, a Congada é mais do que “folclorização”, a Congada é cultura que marca o cotidiano e tudo o que as pessoas fazem, pensam e são no mundo. Ubuntu. Viva!

Foto IV: Fundadores do Terno de Congada Chapéus de Fitas



A raiz viva do Terno de Congada Chapéu de Fitas de Olímpia/SP, a Matriarca Edna Ferreira e o Patriarca José Ferreira, respectivamente, meus avôs maternos e nessa tradição, em que sou nascida, fui coroada em 2011, Rainha de São Benedito. Fonte: acervo do Terno de Congada Chapéu de Fitas de Olímpia/SP

Referências

DUSSEL, Enrique D. A pedagógica latino americana (a antropologica II). In DUSSEL, E.D. **Para uma ética da libertação latino americana III: Erótica e Pedagógica**. São Paulo: Loyola, Piracicaba: UNIMEP, p.153-281, 1997.

DUSSEL, Enrique D. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 93.

FIORI, Ernani. Maria. Conscientização e Educação. Porto Alegre, **Educação e Realidade**, n.15, p.3-10 jul. 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P.; MACEDO D. **Alfabetização. Leitura do mundo.** Leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Texto original publicado em 1945)

MERLEAU-PONTY, Maurice. O ser-para-si e o ser-no-mundo. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.492-612.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 18ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, Maria Waldenez, et. al. **Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em Espaços Sociais.** ANPED-GT 6 – 5383, 2009.

SANTOS, L. S.; FIGUEIREDO, R. P. DE. Saberes da tradição e conhecimentos científicos: entrelaçados pela teoria do pensamento complexo. **Cenas Educacionais**, v. 3, p. e8468, 2020.

ROMÃO, José Eustáquio. A civilização do oprimido. In: CORTESÃO, Luiza, et.al. **Diálogos através de Paulo Freire.** Ed. Instituto Paulo Freire de Portugal, Porto, 2004.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SILVA, Vivian Parreira. **Do chocalho ao Bastão: Processos Educativos do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito – Uberlândia-MG.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SOUZA, Tatiane Pereira de. **Áfricas: Processos Educativos Presentes no Terno de Congada Chapéus de Fitas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SOUZA, Tatiane Pereira de. **Permanências Africanas no Congado Brasileiro**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara: UNESP, 2018.